

A minha larga experiência com salvamentos na praia de Ipanema permitiu que eu acumulasse um amplo conhecimento sobre o desenrolar de um processo de afogamento no mar. A rapidez com que uma pessoa é levada pela correnteza – que se forma subitamente pelo choque das ondas com o fundo arenoso – depende se o afogado esboça alguma reação, tentando nadar, erroneamente, em direção à praia, ou se, por não ter o mínimo conhecimento de como articular as braçadas, deixa-se levar pela correnteza impiedosa.

Nas duas situações descritas, o comportamento do afogado, na fase em que as solas dos seus pés já deixaram de tocar o fundo do mar e que o retorno para a praia por iniciativa própria se tornou impossível, apresenta um quadro praticamente idêntico: uma luta inglória para manter a boca acima da superfície da água, evitando que ela invada o seu organismo.

Para isso, o afogado, impulsionado pelo instinto de sobrevivência, faz movimentos repetitivos e descoordenados com os braços, mantendo as mãos espalmadas, tentando gerar uma força de baixo para cima capaz de manter a sua cabeça fora d'água. No período em que essa força permanece atuando, a pessoa, geralmente, procura também levantar os braços o mais alto que puder, para, juntamente com os gritos de socorro, chamar a atenção dos que estão nas proximidades ou, se estiver isolado no mar, ser visto por alguém que esteja na areia, de preferência que a conheça.

Não é difícil concluir que todo esse esforço despendido por uma pessoa, em uma situação de pânico, tem um limite de duração que depende de vários fatores, entre eles; a sua real capacidade de nadar ou boiar na superfície, o seu estado de saúde, com ênfase no seu preparo físico, e o nível de desespero que a acometeu. De todo o modo, a sua probabilidade de sobreviver está intimamente associada ao tempo de surgimento do socorro, seja pelo sucesso do guarda-vidas em vencer prontamente as ondas para alcançá-la, seja pela chegada de equipamentos motorizados como helicóptero, barco e jet-ski, além de os prestimosos surfistas com suas pranchas, se estiverem por perto.

Agora, eu estava ali pronto para iniciar o salvamento de uma naufraga que suplicava por socorro. Mas, surpreendentemente, eu não conseguia distinguir nos movimentos do seu corpo, nenhuma das características marcantes de uma pessoa em estado de pânico por estar se afogando. Pelo contrário, excluindo-se os gritos, a sua inércia corporal era uma desafiante incógnita a testar o meu conhecimento a respeito de situações de afogamento.

Por um momento, cheguei a pensar que ela estaria usando um colete salva-vidas que teria a capacidade de mantê-la, com um mínimo de esforço, em uma posição ereta, com a cabeça permanentemente fora d'água. Eu estava no limiar de uma avaliação sobre a possibilidade de ela ter alcançado um salva-vidas no andar inferior do Bateau Mouche, antes do naufrágio, quando uma observação mais acurada, mesmo estando ainda um pouco afastado dela, me fez descartar essa hipótese: seus ombros estavam cobertos por um tecido fino, próprio de uma roupa social, e não por aquela camada grossa de um salva-vidas – devido ao material interno que proporciona a flutuação – normalmente revestida por tecido na cor laranja ou amarela.

Concluí, então, que aquele mistério só seria desvendado caso eu estabelecesse o contato físico com a naufraga, de modo a adotar a posição adequada para dar início ao salvamento, sem deixar de prestar atenção no que acontecia no entorno da mulher.

Ao lembrá-la, mais uma vez, que ela não deveria esboçar nenhuma reação à minha abordagem, deixando-me livre para realizar o salvamento, deparei-me com uma cena chocante, algo que jamais poderia ter imaginado: a mulher estava apoiada em um corpo de um homem que não havia resistido ao naufrágio. Ele estava na posição de decúbito dorsal, situação que não me impediu de avaliar que se tratava de uma pessoa idosa, pois os cabelos brancos predominavam em sua nuca.

Decorrido um brevíssimo tempo para me refazer da descoberta sinistra, constatei a razão daquele estranho equilíbrio hidrodinâmico, que tinha como efeito final a possibilidade de uma pessoa viva ser sustentada acima da superfície da água, por estar apoiada em um cadáver, por um longo tempo: o homem tinha sido suficientemente prevenido e vestiu um colete salva-vidas, antes que o naufrágio ocorresse.

Não havia tempo para entrar em divagações sobre como o homem veio a óbito, mesmo vestindo um colete salva-vidas, nem a respeito de como aquele conjunto macabro se formou, após os primeiros momentos das vítimas lutando pelas suas sobrevivências no mar. Eu precisava agir.

A posição básica de salvamento – que eu havia aprendido com os guarda-vidas quando ainda era jovem – consiste em passar o braço do responsável pelo socorro pela axila de quem está sendo salva, mantendo os respectivos braços entrelaçados na altura dos ombros, e de modo a deixar a cabeça do afogado acima da linha da água, pois a pessoa é mantida de barriga para cima, como se estivesse boiando. Quem faz o salvamento desloca-se nadando só com um dos braços, que é esticado para frente, acima da água, e, em seguida, com a mão em concha, é trazido para perto do peito, já imerso, como se estivesse “puxando” a água para si. Prosseguindo, o braço vai de novo à frente, recomeçando o movimento. Bater os pés de forma sincronizada, também tem efeito de propulsão. A cabeça deve ser mantida ereta sempre para definir o melhor rumo durante o percurso.

Para começar o salvamento, decidi passar o meu braço esquerdo por baixo da axila esquerda da mulher, usando o outro braço para promover o nosso deslocamento naquela primeira etapa. Como a distância até o Bateau Mouche tinha supostamente aumentado pela ação da correnteza, e tentando prevenir uma possível crise de pânico da naufraga durante o percurso, achei melhor avisá-la que eu poderia trocar o esquema de sustentação, invertendo a posição de socorro, caso o meu braço direito desse sinais de fadiga. Esse quadro não deveria ser descartado de imediato, porque, além do esforço que seria despendido, eu permanecia usando, camisa, calça e sapatos.

Com as principais explicações passadas rapidamente à naufraga e com a posição de socorro já encaixada, estava tudo pronto para dar início ao deslocamento em direção ao barco. Dei a ela então, a orientação final, que eu julgava mais do que coerente, diante das circunstâncias daqueles momentos trágicos: pedi para que ela soltasse o corpo do homem.

Para a minha surpresa, a reação da mulher a esse último comando foi totalmente insana.

